

Para Aragón, em Espanha, tengo yo en mi corazón un lugar todo Aragón, franco, fiero, fiel, sin saña.
Si quiere un tonto saber por qué lo tengo, le digo que allí tuve un buen amigo, que allí quise a una mujer.

Allá, en la vega florida, la de la heroica defensa, por mantener lo que piensa juega la gente la vida.
Y si un alcalde lo aprieta o lo enoja un rey cazador, calza la manta el baturo y muere con su escopeta.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos VII
José Martí Poesia Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Peregrina de tantas caminhadas, eu procurei consolo na ilusão...
Hoje, deixo o fascínio das estradas para dormir na eterna solidão...
Assim, chorando as horas já passadas num desatino doloroso e vão, a amargura das noites desoladas, cala profunda no meu coração.
Na plenitude desta tarde mansa que em minha alma caiu dolente e triste, meu ser a tudo aspira e nada alcança.
Sem esperanças e sem madrugada, no pobre coração somente existe, uma saudade imensa das estradas...

Eunice Arruda, Peregrina em tantas caminhadas; em 232 Poetas Paulistas (Pedro de Alcântara Worms), 1968

Deixa que eu fale. Com teu rosto amigo dá-me este dia, dá-me esse prazer de ser ouvido em tudo o que te digo: há tanta coisa para te dizer!
Deixa que eu fale. Vem sentar comigo. Que coisas lindas foi-me dado ver! mas envelheço; demoraste, amigo: já não há muito para te dizer...
Deixa que eu fale enquanto tenho alento; cansou-me a vida, escuta-me um momento, tão pouco resta para te dizer...
Deixa que eu fale! Já me seca o pranto e a morte chega... mas tardaste tanto! não há mais nada para te dizer...

Janske Niemann Schlenker, Deixa que Eu Fale; em Fanal 0309

Esta saudade, a escorregar macia pelos declives da alma... doce apelo de vida, a dissolver uma apatia que atrai o tédio, portas abre ao gelo;
Esta saudade, cálida mania de buscar no passado, com desvelo, lembranças, já sem cor, na idolatria de um vago instante, de um longínquo anelo; esta saudade... esta saudade amarga, insatisfeita, de lilás vestida, visgo afetivo, que meu passo embarga, por mim, sempre será bem recebida!
Maltrata, sim! castiga, não me larga... Mas, é também o sol de minha vida!

Carolina Ramos de Oliveira, Esta saudade, a escorregar macia; em 232 Poetas Paulistas (Pedro de Alcântara Worms), 1968

Moleque escolado de cima do morro, letrado na giria e na bola de gude. Moleque criado sabe lá com o quê?
Menino largado que nem sabe ler... Moleque que cresce e já tira fumaça, que sobe, que desce, no meio da massa, que grita, que canta, que chora e tem dor!
Moleque, coitado, do fundo da noite menino, quem sabe? – trazido do amor... Moleque poesia, moleque gostoso...

Amendoim torradinho!
Tá quentinho...

Áurea Maria Cruz Ramos da Costa, Amendoim Torradinho...

...E as estrelas fizeram-se pequeninas para que os homens vissem a beleza das constelações...

Celso Furtado de Mendonça, Humildade

Quero vocábulos surdos para falar da vida ouvindo o eterno descorar das coisas. A grande síntese final é o silêncio absoluto ó flautas cheias de sonoridades.

Jayro José Xavier, Parafísica

Dia sem sol, noite sem estrelas... Barco sem leme, praia sem mar... Casa vazia, flor sem perfume... Minha alma é assim quando estás distante.

Compensação: – esqueci as rezas. Aprendi teu nome...

Lyad de Almeida

Cuba livre! Templo do labor socializado, exportando o exemplo. Paria redimida, onde a base de Guantânamo ainda é uma ferida!
Queira ou não Tio Sam, hoje, só Cuba, amanhã a América inteira...

Hoje é dia de Finados. Pensas em mim?

Lyad de Almeida

Silêncio indecifrável quase lírio que a tarde abriu para o naufrágio dos meus olhos. De todas as pessoas que passaram não há rastros não há vozes nem mesmo o silêncio delas.

Somente essa distância feita para estrelas.

Jayro José Xavier, Ausência

A casa é triste e a minha solidão cerrou janelas sobre as rosas. Que coisa amarga tantos livros e nenhuma flauta.
Completamente a ternura: tira os espinhos da rosa antes de ofertá-la!...

Luis António Pimentel

Em 37 Poetas Fluminenses, 1963 Em 37 Poetas Fluminenses, 1963

Toda a natureza é um anelo de Serviço.
Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco.
Onde houver uma árvore para plantar, planta-a tu; onde houver um erro para corrigir, corrige-o tu; onde houver uma tarefa que todos recusem, aceita-a tu.
Sê quem tire a pedra do caminho, o ódio dos corações e as dificuldades dos problemas.
Há a alegria de ser sincero e de

Gabriela Mistral, O Prazer de Servir; em Revista d'O Pensamento (outubro, 1953)

ser justo; há, porém, mais que isso: a formosa, a imensa alegria de servir. Como seria triste o mundo se tudo já estivesse feito, se não houvesse uma roseira para plantar, uma iniciativa para tomar!
Não te seduzam as obras fáceis. É belo fazer tudo que os outros se recusam executar.
Não cometas, porém, o erro de pensar que só tem merecimento executar as grandes obras; há pequenos préstimos que são bons

Gabriela Mistral, O Prazer de Servir; em Revista d'O Pensamento (outubro, 1953)

serviços; enfeitar uma mesa, arrumar uns livros, pentear uma criança.
Aquele é quem critica, este é quem destrói; sê tu quem serve.
O servir não é próprio de seres inferiores. Deus que nos dá o fruto e a luz, serve.
Poderia chamar-se: O Servidor.
E tem Seus olhos fixos em nossas mãos e nos pergunta todos os dias: Serviste hoje? A quem? À árvore, ao teu amigo, à tua mãe?

– Que número, faz favor?
– Quero falar com o coração da minha amada.
– Impossível, senhor, a linha está ocupada.
– Chega-se sempre tarde, é sempre assim.
Pobre de mim!
Ligue-me então pra casa da Alegria; é preciso que eu cante, é preciso que eu ria, inda que sinta o coração sangrar no peito.
– Senhor, o telefone da Alegria tem defeito.
– Pois bem, quero sentir vibrar no meu ouvido a voz das Ilusões.
Viver no amor, inda mesmo iludido é quase ser amado.

Em 232 Poetas Paulistas, Antologia (Pedro de Alcântara Worms), 1968

– Meu senhor, o aparelho já foi retirado.
– Não poderia ouvir ao menos todo o encanto dessa Felicidade, de quem falam tanto?
– Mas quer que eu ligue pra onde? Dona Felicidade? Não responde.
Julio Tinton, Telefone da Vida
Tu moça, eu quase velho. Entre nós dois, que horror! vinte anos de distância. Entre nós dois, mais nada. E hoje, pensando em ti, pus-me a sonhar de amor somente porque vi, por acaso, na estrada, sobre um muro em ruína, uma roseira em flor...
Vicente Augusto de Carvalho

O primeiro livro a falar de haicu no Brasil em língua portuguesa, foi Wenceslau Moraes em seu Relance da Alma Japonesa (1ª Edição, 1925). Lá encontramos oito primeiras estrofes (exceção de uma!) da poesia encadeada haicai. Como sabemos, esse primeiro terceto denominado *hocu*, foi posteriormente, em 1892, batizado de *haicu* por Shiki, preservando suas raízes, visto os poetas àquela altura terem aderido a feitura desse terceto de forma também independente e em tal número que justificava já sua individualidade. Regra geral, os tercetos (denomino-os trevos, quando independentes ou destacados) que se seguem ao *hocu*, em um haicai, raramente contém os mesmos princípios deste.
Acredito que nem Wenceslau, nem Afrânio Pei-

xoto, nem Guilherme de Almeida, ou Vão Gogo, ou Leminski, e tantos outros de ontem e de hoje, perceberam ou percebem a diferença do conteúdo entre um haicu e os demais tercetos de um haicai ou quaisquer outros tercetos independentes (ou destacados) que, aliás, repetindo, os denomino a todos de trevo.
E quando falo de ontem e de hoje, provavelmente podemos estender esse fato pro mundo todo! inclusive para a maioria dos próprios japoneses... no Japão! Claro que a regra tem exceção.
É necessário dizermos que não é qualquer trevo que possa ser denominado haicai e, muito menos haicu. Haicai seria, essencialmente, o todo dos tercetos contidos nele com seus res-

pectivos pares de versos seqüenciais. Isolados, aqueles seriam trevos. Ai poderíamos nomeá-los à moda ocidental, *personagem* e *haicu*, conforme seus conteúdos. O que distingue o trevo haicu dos demais é seu conteúdo. Praticamente ninguém sabe disso e, mesmo sabendo, não conseguem fazê-lo, menos por uma questão de cultura e mais por comodismo e mesmo preconceito.
Se explicarmos dizendo que haicu é uma foto ou mesmo um filme com os mesmos princípios do primeiro terceto do haicai (*hocu*); que uma imagem fotografada ou filmada não conterá de *off* nossas opiniões, reflexões, explicações, fecho, adjetivos, e por si mesmo mostra uma estação,

– Que número, faz favor?
– Quero falar com o coração da minha amada.
– Impossível, senhor, a linha está ocupada.
– Chega-se sempre tarde, é sempre assim.
Pobre de mim!
Ligue-me então pra casa da Alegria; é preciso que eu cante, é preciso que eu ria, inda que sinta o coração sangrar no peito.
– Senhor, o telefone da Alegria tem defeito.
– Pois bem, quero sentir vibrar no meu ouvido a voz das Ilusões.
Viver no amor, inda mesmo iludido é quase ser amado.

– Meu senhor, o aparelho já foi retirado.
– Não poderia ouvir ao menos todo o encanto dessa Felicidade, de quem falam tanto?
– Mas quer que eu ligue pra onde? Dona Felicidade? Não responde.
Julio Tinton, Telefone da Vida
Tu moça, eu quase velho. Entre nós dois, que horror! vinte anos de distância. Entre nós dois, mais nada. E hoje, pensando em ti, pus-me a sonhar de amor somente porque vi, por acaso, na estrada, sobre um muro em ruína, uma roseira em flor...
Vicente Augusto de Carvalho

PERCEBA COMO FAZER UM HAICU E... FAÇA-O!!!

Pra gente dizer que fez um haicu conforme o figurino – e isto será um passo gigantesco, acreditem! basta irmos até um lago bem antigo por exemplo, sentirmos a quietude do mesmo. De vez em quando, aqui e ali alguns zumbidos de insetos, bater de asas e pios ou o baloiçar vez ou outra de árvores à nossa volta e refletidas na água, o céu azul colorindo o lago; talvez curtos e espaçados di-

álogos de pescadores; o silêncio, novamente. Agora o quebra o salto de uma rã para o lago: *plop!* formando círculos concêntricos de ondas crescendo e morrendo nas margens (às vezes até voltando!); uma ou outra folha caindo e o mesmo efeito ondeante agora menor; o céu e as árvores espelhadas desfazendo-se e refazendo-se. Cisnes, por quê, não!? que nem no Horto

Floresta! O lago e tudo em volta às vezes num silêncio absoluto, quando não vozes longinquas de gente ou crianças brincando dependendo da hora! E, vivendo e sentindo tudo isso, munidos de papel e lapiseira escrevermos:
Lago musgoso, uma rã salta.
Barulho de água.

Floresta! O lago e tudo em volta às vezes num silêncio absoluto, quando não vozes longinquas de gente ou crianças brincando dependendo da hora! E, vivendo e sentindo tudo isso, munidos de papel e lapiseira escrevermos:
Lago musgoso, uma rã salta.
Barulho de água.

Pondo de lado praticamente tudo o que vimos, ouvimos e sentimos, nós, dando uma de Bashô, simplesmente deixamos em aberto para o nosso leitor re-acontecer – à sua maneira, todas essas nossas impressões e sensações vividas.
Percebem como Bashô respeitou a inteligência do leitor? Por quê não, nós?
Por quê não?... por quê não?... por quê não?... MFM

E o cansaço pede que eu pare e o tempo pede que eu corra o cansaço pede me ouça enquanto o tempo pulsa
o tempo pulsa, pulsa, pulsa
permite que eu envelheça sem perceber
pulsa, pulsa
lança a navalha para o desafio que começa

pulsa, passa atravessa água de rio feito quilha feito uma história que termina
pulsa, passa pede que eu corra pede me ouça – em vão... deito feito criança no chão para o cansaço vencer a batalha.
O Tempo

Um dia ainda há de ser revelado todo o segredo quase sagrado do meu gesto além de sextos sentidos de prazer imediato além de qualquer exatidão
por trás de uma maneira suave de pousar o vinho à mesa tudo o que há é guerra e incerteza labareda em movimento

parafina endurecida em seu melhor momento além do que o corpo esconde do que o olhar não revela tudo o que há é o correr do tempo onde até as certezas do mundo procuram nexos em vão.
Num Dia

Todo vazio transborda em questões cada pulmão que esvazio é alívio e realidade que invade quem me ouviu quem me vê quem um dia tiver-me nas mãos para ler o que não escrevo compreenderá que nada fui além de servo da solidão

Como saber se é urgente de verdade o que queremos, quando tanta, tanta gente nada tem do que nós temos?
Lia-Rosa Reuse, em LeReLeR LiReLiRe 0308 E-mail: lereler@terra.com.br
e no escasso tempo em que aqui estive experimentei cansar-me de mim ao buscar-me nos outros.
Quem Um Dia Tiver-me

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) PRIMAVERA

Roda o cata-vento, na moezinha da criança, cheia de alegria Ailson Cardoso de Oliveira	No quintal da casa meninos comem amoras. Muita boca roxa. Djalda Winter Santos	Miosótis enfeita o terreiro do vizinho. Paisagem campestre. João Batista Serra
Jôquei iniciante, o garotinho se alegra: potrilhos no parque. Alba Christina	Vão barcos à vela pelo caminho do mar... É Dia do Mar! Edel Costa	Potrilho correndo... Muitas potranças se arrancam do fogo da raça. João Elias dos Santos
Menino se espanta vendo os lábios tão vermelhos. Amora madura! Alda Corrêa Mendes Moreira	No colo, o guri. Olhar repleto de medo: Dia da Vacina. Elen de Novais Felix	Vós arrepiantes saudando Semana da Asa! Multidão orando... Leonilda Hilgenberg Justus
Bolas de cristal dançam leves no ar... Bólbhas de sabão! Amália Marie G. Bornheim	Curioso guri olha o potrilho assustado! São olhos nos olhos... Ercy M. M. de Faria	No Dia do Mar vejo ao longe... no horizonte sol se mergulhar... M. U. Moncam
Abre, fecha, abre, fecha, abre, asas púrpuras borboleta florida Amauri do Amaral Campos	Festiva Semana do Livro (e da boca livre)... Penetra se afiana. Fernando L. A. Soares	Borboleta pausa, delgada planta branca. Abre e fecha de asas. Manoel F. Menendez
Olham da varanda, muro enfeitado de branco. Buganvízia em flor. Analice Feitoza de Lima	Os trigais maduros sorrindo ouro oscilante. Dia do Agrônomo. Fernando Vasconcelos	Aviso na porta... Silêncio no gabinete... Dia do Dentista. Maria Madalena Ferreira
No beiral da casa uma andorinha fez ninho. Abrem-se biquinhos. Angélica Vilela Santos	Cochilo no alpendre. Acordo ao ruflar das asas de dois azulões... Guim Ga	Filhote piando seguindo a mãe tico-tico. Lá vai o chupim Maria Regina Lubriciano
Cata-vento faz corre-corre pela casa. Criança feliz! Anita Thomaz Folmann	Giaila vazia. Na árvore ao lado, lá, o pintassilvo. Helvécio Durso	Pintassilgo canta ao toque do cavaquinho! Aplausos humanos! Olíria Alvarenga
Frio no estomago. A broca faz zum... zum... zum... Dia do Dentista. Cecy Tupinambá Ulhôa	Na manha de sol céu riscado de fumaça... É a Semana da Asa. Héron Patricio	Primavera. Chove. Nos intervalos do sol, gostoso frescos. Renata Paccola
De penteado novo a goiabeira florida poussa para um flash... Darly O. Barros	Crianças medrosas vão chorando pelas filhas... Dia da Vacina! Humberto Del Maestro	Lago de águas claras. Agitação lá no fundo. Girinos em trânsito. Roberto Resende Vilela



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS Remeter até 30.10.03, quigos à escolha: Abacaxi, Enchente, Vaga-lume.

Remeter até 30.11.03, quigos à escolha: Caju, Lava-pés, Porta-bandeira.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu motivo principal: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP ou mfmendez@ig.com.br

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
- Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL. * - TREVO PERSONAGEM *

- Sacolas de plástico... * Restos de enlatados, * Farafo solta na areia... * sanduiche e flores... um lixo! Domingo na praia. * - Dia de Finados? Eduardo A. O. Toledo Fernando L. A. Soares
- Dia da Vacina... * Semana da Asa... * A mãe da menina pálida Homemagen do Brasil esqueceu a data... ao Pai da Aviação! Ercy M. M. de Faria Olíria Alvarenga



HAICUS EM FOLHA

Envolvendo a casa, uma recepção florida na cerca de frésias. Alba Christina	A frésia floresce soberana no jardim da palhoça simples. Amauri do Amaral Campos	Em leves adejos colibri seca a neblina da face da rosa. Elen de Novais Felix
Do jardim ao vaso o caminho perfumado... um buquê de frésias. Anita Thomaz Folmann	Sobre a ponte, a frésia estende os braços floridos ao rio que passa... Elen de Novais Felix	Rodada de flores no Dia da Padroeira a imagem sorri. Anita Thomaz Folmann
Mãos postas em prece no Dia da Padroeira. Darly O. Barros	No templo repleto, o sino espargindo a crença... Dia da Padroeira!... Elen de Novais Felix	Corpo fluatante vai e volta, sobe e desce. Colibri e as flores. Manoel F. Menendez
No jardim florido, colorida flor alada: frágil colibri. Djalda Winter Santos	Levemente a brisa sopra espigas ondulantes de frésias-em-flor. Walma da Costa Barros	Desabrocha a flor aguardando o colibri que suga seu néctar. Walma da Costa Barros
Pedido especial no Dia da Padroeira... Esperança viva. Alba Christina	O ruflar das asas do colibri enamorado, enrubresce a rosa... Amália Marie G. Bornheim	Ao entardecer, colibri junto da flor desenhando um beijo... Renata Paccola
Fé no coração, mãos postas, olhar contrito, Dia da Padroeira. Djalda Winter Santos	Multidão em fila. No Dia da Padroeira, igrejas lotadas. Renata Paccola	Voando entre as flores colibri lhes suga o mel. Arte em movimento. Nadyr Leme Ganzert
Imenso jardim. Flores multicoloridas. Colibri chegado. Analice Feitoza de Lima	No jardim florido, incansável colibri... Beijos a granel. João Batista Serra	Na varanda a água doce renovada. Eis os colibris! Sérgio F. Pichorim
Pairando no ar, o colibri chega ao alvo: um botão de rosa. Alba Christina	Ensolarada manhã, colibri beijando flores, com softzeidão. João Batista Serra	Fitas coloridas enfeitando os cavalos. Dia da Padroeira. Sérgio F. Pichorim
Devotos formando multidão multicolorida. Dia da Padroeira. Maria de Jesus B. de Mello	Gente observando, o colibri se aproxima. Água com açúcar. Manoel F. Menendez	O povo em romaria no Dia da Padroeira. Ônibus lotado. Cecy Tupinambá Ulhôa
Volta o colibri. Demora em contemplação ante a flor do cacto. Maria de Jesus B. de Mello	Devotos cantando. É Dia da Padroeira. Igreja lotada. Analice Feitoza de Lima	O carrinho-de-mão carregado no jardim com flores de frésias. Sérgio F. Pichorim

As caretas que já fiz para o espelho, quando moço, na velhice o espelho quis devolver-me em carne e osso.

A Lacerda Júnior, em Fanal 0309

Deslizando cisnes entre coloridas pétalas. Rio de primavera.
Fanny Dupré

Ó, o que faremos se os parques do mundo todo sua morte anunciarem?

Aphid Abe

É nome espanhol. Assim diz Carlos Gardel... Por uma cabeça...
Agostinho José de Souza

Dia dos finados, saudades, flores e velas, solidariedade...
Ailson Cardoso de Oliveira

Pássaros em festa o céu e a terra bem juntos no Dia da Ave.
Alba Christina

Não me fales mal de ninguém. Se tu coração e teu cérebro são tão frios que não podes, através deles, ver nem conhecer a parte angélica que mora em cada qual e só tens capacidade para ver o lado obscuro e triste das pessoas e das coisas, é melhor que tua boca permaneça em silêncio, teu cérebro obscuro e inerte o teu coração.

Cada um dos teus pensamentos deve ser como uma prece benéfica, porque teu cérebro é algo eucarístico; é uma coisa sagrada e as coisas sagradas não devem ser profanadas, deixando-se passar por elas o raio negro de um pensamento vil.

Tua língua não deve ser uma serpente de fogo para incinerar a honra de teus irmãos,

Meu Amparo, meu encanto, um ranchinho ao pé da serra... Meu refúgio, meu recanto, meu paraíso na Terra!

Ivone Marques Moreira, em Quatro Versos 0210 (Encarte)

É alvorecer. Na penumbra da mata, explosões de gorjeios!
Irene S. Azuma

Uma linda cena: lago azul, verdes árvores cercados por montes.

Danielle Abbitt

Dia de finados. Orações, recolhimento em respeito aos mortos.
Cecy Tupinambá Ulhôa

No Dia do Mar, a crista branca das ondas contereão detritos?
Divinei Boseli

Contemplo o encanto das jóias da natureza. É o Dia da Ave.
Djalda Winter Santos

nem látego infamante para sevicar o próximo, nem dardo envenenado para ferir sem justiça e sem respeito. Portanto, não debes degradá-la, empregando-a na baixeza da maledicência.

Não, não me fales mal de ninguém. Cada vez que tua palavra expressa ódio ou rancor, teu pensamento cria uma atmosfera de rancor e ódio, que envolve aquele em que pensas e, em vez de destruíres o mal de que te queixas, tu o amplias e o robustees, contribuindo, assim, para perpetuá-lo.

Não me fales mal de ninguém, porque quem assim faz, se quer ser justo, deve começar por falar mal de si mesmo e isto seria uma indignidade.

Pouso Alegre, Sol de Minas, cidade-musa... das prova que és colírio nas retinas dos grandes Mestres da Trova!!!

Joaquim Carlos M. Costa, em Trovalegre 0309

A névoa brinca na estrada – com os faróis – de esconde-esconde.
Laurita Gentil

Apático fim do atalho, nada a seguir e nenhuma opção.

Sid Banach

Neste Dia do Mar, mundo lança seus detetos pra comemorar...
Luís Koshiro Tokutake

Livro-me do tédio o buscando a cultura que se emana do livro!
M. U. Moncam

Sempre lustrosa, imóvel tornou-se móvel. Buganvília em família.
Marcelino Rodrigues de Pontes

quais esmaltam como diadema de glória as tumbas dos heróis de minha pátria idolatrada e que polvilham de ouro as azas das mariposas; fala-me até do pântano obscuro, que converte em fagulhas brilhantíssimas a luz que o atinge; porém, não me fales mal de ninguém, para que o ódio não escreva em letras negras esta frase, na entrada de teu coração: “É proibida a entrada!”

Deixa que o amor fixe em teu coração um cartaz róseo, onde esteja escrito: “Sede bem-vindo!”

De sorte que, se não podes dizer-me algo de bom de teus amigos, é melhor que tua boca permaneça em silêncio, teu cérebro obscuro e inerte o teu coração. (Claridad del Alma)